

# Entrevista a Barbie Zelizer

RITA FIGUEIRAS \*

*Barbie Zelizer é uma das mais notáveis investigadoras da atualidade na área do jornalismo e cultura. É professora na Annenberg School for Communication (Universidade da Pensilvânia), onde ocupa a Raymond Williams Chair of Communication. É fundadora e coeditora da revista científica Journalism: Theory, Practice, and Criticism. Tem desenvolvido inúmeras pesquisas, nomeadamente sobre autoridade jornalística, memória coletiva, bem como sobre imagens jornalísticas em tempos de crise e de guerra. Nesta entrevista abordamos alguns dos temas centrais à compreensão dos media enquanto produto e reflexo da cultura ocidental.*

---

\* Professora auxiliar da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.

**O seu mais recente livro, publicado em 2004, intitula-se *Taking Journalism Seriously*. O que quer dizer com «levar o jornalismo a sério»?**

Levar o jornalismo a sério é a minha maneira de dizer à academia que não está a dar a atenção suficiente ao que é o jornalismo. E que, ainda que o jornalismo esteja em todo o lado, ainda que tenha um lugar por si em todas as conversações que temos sobre as coisas que estão a ocorrer na esfera pública e privada, o jornalismo ainda não encontrou um «lugar» na academia onde possa ser estudado tudo o que o jornalismo é. Os cientistas políticos estudam os efeitos do jornalismo, os historiadores estudam o passado do jornalismo, mas não há um «lugar» onde os cientistas políticos, os historiadores e os sociólogos falem entre si e que lhes permita em conjunto encontrar um entendimento sobre o jornalismo que se aproxime da sua importância no mundo.

**E quão importante é?**

Eu acho que o jornalismo é extraordinariamente importante. Penso que o jornalismo desempenha uma função crítica no funcionamento de qualquer governo e na conexão entre a política e o público, e não acho que devamos subestimar o efeito que pode ter, para o bem e para o mal, nas democracias. Penso que tem certamente um papel a desempenhar nas democracias.

**Que papel é esse?**

O que o jornalismo faz é dizer à sociedade o que está na mente da sociedade. Dá às pessoas um ponto de referência através do qual podem relacionar-se com os outros. Nos regimes autoritários, o discurso público e a memória pública são muito diferentes da democracia, e o jornalismo tem um papel diferente em cada. Precisamos sempre de uma força mediadora que ajude a manter os limites do coletivo e que coloque os indivíduos em sintonia uns com os outros, e é para isso que serve o jornalismo.

**E está a fazê-lo?**

Nem sempre, nem sempre. De facto, na maioria dos casos não o faz o suficiente. Mas isso não é um motivo para desistir da ideia.

**Porque não o faz?**

Por muitas razões. Acho que o jornalismo não está a ser levado a sério o suficiente, não pelas pessoas que o fazem, mas por quem o consome. Penso que as pessoas não pensam muito bem do jornalismo e não forcem expectativas. Acho que o jornalismo fornece um tipo de conhecimento particular

que é diferente da ficção, diferente do cinema, diferente das cerimónias públicas, e acho que devemos pensar em conjunto como o pode fazer mais eficazmente.

**Nesse sentido, o que pensa da relação entre a política e o jornalismo?**

Penso que o jornalismo e a política estão ligados, mas, em muito, da mesma maneira que o jornalismo e a religião estão ligados, da mesma maneira que a cultura e o jornalismo estão relacionados. Dá-se demasiada importância à relação entre a política e o jornalismo e, no entanto, o jornalismo tem-se expandido para outras formas que não consideraríamos, num primeiro olhar, políticas, mas que de facto são políticas na sua essência. A interseção entre o jornalismo e a política tem sido a interseção mais enfatizada, em detrimento de outras.

**Refere-se à relação entre a religião e os *media*?**

A religião tem-se tornado mais importante sem que o percebamos.

**Porque as pessoas estão a olhar para a política?**

Sim, porque as pessoas têm olhado mais para a política. A interseção, por exemplo, entre fundamentalismo islâmico e jornalismo tem-se relacionado e não temos dado muita atenção. As organizações noticiosas no Médio Oriente trabalham de forma diferente das organizações noticiosas do Ocidente, como a Al Jazeera, por exemplo. Estas organizações olham para o Ocidente e dizem «é isto que consideramos importante para o nosso sistema de valores e queremos que façam a cobertura». As fotografias dos bombistas suicidas são exemplos diferentes de jornalismo e religião, que tendem a ser desvalorizados nessa perspetiva pelo jornalismo ocidental.

**Voltando à política. Na Europa há um grande debate sobre a relação entre imagem e conteúdo. E o jornalismo e uma determinada facção dentro da academia tendem a produzir um discurso que afirma que quando os políticos estão interessados na imagem é porque não têm conteúdo. Mas será que algures no passado foi possível falar numa «idade do ouro» da política? E é possível dissociar imagem e conteúdo?**

Acho que qualquer mensagem junta forma e conteúdo. É a definição formalista do que é uma mensagem e outra forma de dizer forma é dizer imagem. Qualquer mensagem que esteja a ser transmitida, em qualquer situação, mas principalmente quando há público envolvido, há sempre uma luta entre

imagem e conteúdo. Haverá sempre situações em que a forma estará mais destacada. Mas será que houve política sem forma ou imagem? Não.

### **Nos Estados Unidos também existe este debate...**

Claro que sim. O problema é que as notícias nos Estados Unidos, particularmente na televisão, tornaram-se mais motivadas pela forma do que pelo conteúdo. Penso que a questão deve ser diferente. Precisamos de mudar o *focus*: O que esperamos do jornalismo? Cabe ao indivíduo perceber que o que está a receber de um *media* é diferente do que irá receber de outro. A questão é: Como variar as minhas fontes noticiosas para ter uma visão mais completa? Não interessa se recebemos informação televisiva muito orientada para a imagem, por exemplo. Como audiência devemos articular as várias fontes e devemos construir o tema. O problema é que tendemos a desenvolver o nosso lamento sobre o jornalismo, focando-nos num só jornal ou canal de televisão, e isso, num determinado ponto, é colocar o problema num lugar a que não pertence. Digo aos meus alunos que devem ler fontes americanas, mas também inglesas e de outras línguas. Precisamos aceder a meios de comunicação de muitos sítios para percebermos o que há em comum com diferentes enquadramentos. E mesmo assim não acedemos ao quadro completo. É uma abordagem de consumo de notícias muito diferente da que se faz tradicionalmente, e gostamos de culpar os jornalistas. Não digo que não tenham culpa, mas acho que também temos de assumir responsabilidades.

### **Sobre o que está a trabalhar agora?**

Agora estou a trabalhar num livro sobre pessoas a enfrentarem a morte, prestes a morrer. O meu argumento no livro é que a representação da morte que encontramos no fotojornalismo é uma representação da morte importada da arte. Temos inúmeros exemplos de pessoas prestes a morrer na arte que foram incorporadas formalmente pelo jornalismo. Estou à procura dos lugares onde aparecem fotografias de pessoas a enfrentarem a morte quando usadas em assuntos que não têm consenso público. E o meu argumento é que são usadas de uma forma muito peculiar, que não está ligada ao jornalismo; são usadas para provocar o consenso a favor da perspetiva oficial sobre o tema, ou contra.

### **Pode desenvolver um pouco mais essa ideia?**

Por exemplo, se pensarmos nas imagens icónicas do Vietname com pessoas a morrer. Essas imagens só surgiram na imprensa americana num momento em

que o consenso sobre o Vietname se estava a quebrar, e por isso foram críticas na mudança de opinião sobre o Vietname. Este tipo de imagens tende a surgir em situações como as do 11 de Setembro, do Afeganistão, do Iraque.

### **Sempre em momentos críticos?**

Sim. O meu argumento é que está vinculado ao processo de seleção de notícias. A questão sobre estas fotografias é que elas nunca surgem somente como fotografias com pessoas a morrer, mas sempre com outras fotografias com as pessoas já mortas.

### **A sequência?**

Sim. Na primeira estão vivas e nas outras já estão mortas. Porque não foram essas fotografias usadas isoladamente? Porque não produzem efeito emocional. O meu argumento é que quando o público não está decidido como ler determinado acontecimento, estas fotografias são usadas não uma só vez, mas muitas vezes no mesmo jornal repetidamente. Depois de as pessoas já estarem mortas. A questão é saber por que surgem estas fotografias? Em meu entender elas são usadas para criarem uma esfera pública emocional, para conduzirem as pessoas em determinada direção.

### **Então não aparecem no início das histórias... Quando se deu o 11 de Setembro, as primeiras fotografias foram de sequências.**

Sim. As primeiras imagens são das pessoas a saltar das janelas. Essas imagens apareceram inicialmente na televisão durante a tarde, mas, na manhã seguinte, tinham desaparecido da televisão. Apareceram em poucos jornais e nunca na primeira página, sempre no interior, mas no fim da semana desapareceram. As fotografias com pessoas a morrer desapareceram. E que imagens apareceram constantemente? Apareceram as fotografias das torres. É o que chamo a fotografia de «morte presumida», é a distância de segunda ordem. Não vemos as pessoas, porque é demasiado doloroso; vemos as torres. As torres, por definição, requerem um mesmo tipo de resposta junto do público, que é: precisamos de imaginar o que se passa naquela fotografia. Tem o mesmo efeito emotivo nas pessoas.

### **Já voltaram a aparecer as imagens que mostravam as pessoas a morrer?**

Não voltaram.

**Podemos então dizer que nos Estados Unidos o tema ainda não entrou numa área de consenso?**

Exato. Uma das fotografias de pessoas a saltar era da Reuters, e quando a Reuters fez, um ano depois, um álbum memorial (as fotografias não ficam só no jornalismo, deslocam-se para fora do jornalismo para outros trabalhos memorialísticos), essa fotografia não apareceu nessa coletânea de imagens sobre o 11 de Setembro.

**Acha que vão voltar a aparecer?**

Não sei. Sei que apareceram no México, no Brasil.

**Mas não nos Estados Unidos. Ainda não conseguiram construir um consenso em torno do tema?**

Exato.

**Acha que o jornalismo mudou depois do 11 de Setembro, referindo o seu livro *Journalism After September 11*?**

Queria acreditar que mudou, mas não mudou. Estamos neste momento a reeditar esse livro. Estamos a debater sobre o que pensámos nessa altura e o que sabemos agora. Foi durante um período reduzido de tempo diferente. Houve a crença de que muitos erros da cobertura jornalística americana seriam ultrapassados, como o autocentramento, a incapacidade de entender outras culturas nos seus próprios termos. Pensámos que isso seria corrigido, mas poucos meses depois voltámos para onde estávamos antes. Não acho que o jornalismo americano tenha mudado.

**Só muda durante a cobertura de acontecimentos extraordinários?**

Isso relaciona-se com outro tema que trabalho. Ainda não encontramos modelos de prática jornalística que reconheçam crises centrais para a cobertura jornalística. Queremos pensar que basta organizar o jornalismo e rotinizar os acontecimentos com fórmulas. Mas quando existem crises, todas as regras do jornalismo tendem a desaparecer, mas nada muda do ponto de vista estrutural. E por isso precisamos de repensar a relação entre jornalismo e crises. Produzir um jornalismo sobre crises.

**Sobre a questão das imagens e dos textos jornalísticos, nos jornais portugueses muitas vezes parece que temos três narrativas simultaneamente: o título tem uma história, a fotografia outra e o texto outra. Poderíamos**

**ver isto como uma forma complexa de abordar os temas, mas parecem é três histórias diferentes e dificultam a compreensão do assunto.**

Não estamos treinados para saber ligá-los entre si.

**Porquê? Como assim?**

Porque o jornalismo sempre se centrou nas palavras. É por isso que acho que o livro sobre pessoas a enfrentarem a morte surge numa altura importante, porque é sobre emoção; temos de usar a imaginação, por oposição às regras da esfera pública racional. O jornalismo nasceu nos Estados Unidos, dentro da noção de esfera pública racional. Não acho que a esfera pública seja racional. Colocamos a emoção em segundo plano e isso não nos permite ver para lá do racional e de forma mais ampla.

**E as imagens permitem?**

Exatamente. O jornalismo tende a funcionar de forma racional e fá-lo melhor com palavras; e as imagens, ainda que sejam centrais no jornalismo, não são vistas como fazendo o que o jornalismo quer que elas façam, a não ser que se ache que a fotografia fornece a realidade tal como ela é. Mas sabemos que isso não é possível. Até isso é uma ficção e serve a ideia de jornalismo como um discurso racional.

**Considera que a divisão entre emoção e razão traduz um preconceito cultural?**

Sim, tende-se a considerar que um bom debate depende da capacidade de expressão racional. E o que não conseguimos falar? Acho que o que não se diz e as fraturas são os dados mais importantes. O que é que nos está a escapar? Não podemos separar o racional do emocional. Por isso, gostaria de enfatizar a importância de estudar as imagens, porque as imagens não fazem parte da forma como os jornalistas se veem na sua autodefinição. E as imagens tornaram-se uma das ferramentas mais importantes para visualizarmos, literal e metaforicamente, pessoas que são diferentes de nós e que vivem longe de nós. Numa era de globalização, as imagens tornaram-se o meio principal de conhecer o outro e, no entanto, não sabemos nada sobre a construção das imagens. Em tempos de crise temos mais imagens e menos palavras, e acho que devemos pensar sobre isso seriamente.